

RELATOS DE EXPERIÊNCIA
GRUPO DE PESQUISA “LITERATURA EM INTERFACES:
TRANSDISCIPLINARIDADE E INTERCULTURALIDADE
(LINTERFACES)”: Linha “História Pública e Narrativas Indígenas”

Experience Reports
Research Group: Literature in Interfaces: Transdisciplinarity and Interculturality
(LINTERFACES)
Research Line: Public History and Indigenous Narratives
Relatos de Experiencia
Grupo de investigación: Literatura en Interfaces: Transdisciplinarietà e
Interculturalidad (LINTERFACES)
Línea de investigación: Historia Pública y Narrativas Indígenas

Viviane Faria Lopes ¹
José Elias Pinheiro Neto ²
Sara Ferraz de Jesus Lima ³
Gabrielle de Cássia Martins Alves ⁴
Vanessa Flávia da Silva ⁵
Ana Cecília Lins ⁶
Mariana Gonçalves Rego ⁷

Submetido em: 17 mai. 2026
Aceito em: 01 set. 2026

¹ Universidade Estadual de Goiás (UEG).

² Universidade Estadual de Goiás (UEG).

³ Instituto Federal do Espírito Santo (IFES).

⁴ Instituto Federal de Goiás (IFG).

⁵ Universidade Estadual de Goiás (UEG).

⁶ Universidade Estadual de Goiás (UEG).

⁷ Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Percepções Iniciais

Alguns pesquisadores nos situamos como observadores, o que significa que adotamos uma postura crítica frente às crenças que adquirimos e reconstruímos ao longo de nossas próprias vidas, pois, a partir da consciência que temos de nossa subjetividade, virá a depender da maneira como procederemos à coleta de dados e à sua interpretação (Brandão, 2007; Hissa, 2013; Sheldrake, 2024). Observar criticamente significa, por isso, partir de hipóteses de que os seres vivos possuem, além dos corpos físicos, estruturas invisíveis que podem ter denominações bem distintas, conforme o arcabouço filosófico que dê suporte à gramática cultural e aos campos lexical e semântico em que estas estão contempladas, além de entendermos que tais podem ser, a priori, chamadas de mente, alma, espírito (Sheldrake, 2021b). Ademais, importa validar que as comunicações possíveis entre plantas, entre animais e entre plantas, animais e seres humanos constituem-se de relações intraespécies (Saraiva, 2014), podendo ser captadas sensorialmente e traduzidas verbalmente, tendo sido comprovadas por experimentos científicos (Sheldrake, 2021a).

Atualmente, Álvaro Tukano dirige seu próprio Centro de Cultura Espiritual Tradicional Bahsakewií, uma casa de Cerimônias Indígenas, baseada na cultura e no conhecimento do povo Yepá Mahsã, em que pratica o desenvolvimento da espiritualidade por meio do uso do Kahpi, conhecida como ayahuasca. No Bahsakewií, há incontáveis tipos de encontros com e de parentes indígenas e não indígenas, para articular, sensibilizar e conectar a luta dos povos indígenas com a sociedade brasileira em geral, além de vivências que visam à conscientização sobre o cuidado com a Terra, a cura da alma e do corpo e a evolução do ser humano, enquanto filho e integrante da natureza. Tem sido um dos poucos (senão o único) territórios indígenas no Distrito Federal que tem promovido encontros de ordem cultural e espiritual, cuja intenção pauta-se em sensibilizar e formar novos cidadãos, com mais respeito e compreensão sobre a questão indígena e sua espiritualidade. Podemos entender que seu povo se autodeclara um Ponto de Cultura e Ponto de

Memória, vez que suas práticas cotidianas e de ensino junto à sociedade seguramente possuem estas qualidades.

O povo Tukano considera Álvaro *kumu* e *bayá*, que se assemelha ao médico ou ao rezador – *kumu* é quem cura as doenças espirituais dos homens; *bayá* é aquele que conhece as músicas, as histórias e as tradições de seu povo –, podendo ser, para tanto, comparado a um historiador, um músico e um professor. Álvaro Tukano é um ancião de seu povo, uma figura histórica de 72 anos, com relevante importância social e histórica, que segue ensinando e formando novos líderes, como sempre fez em sua vida. Cabe abordar que Álvaro Tukano, seguramente, é um Mestre de Saberes, por seu inquestionável conhecimento e prática de sua cultura milenar e tradicional, conforme mostra seu trabalho amplamente difundido nacional e internacionalmente, e segue cumprindo sua missão de ensinar aos não indígenas o respeito e sobre a riqueza que os povos e as culturas indígenas possuem.

Dentre o que é analisado pelo presente Grupo, há as cerimônias, o convívio interpessoal, os relatos espirituais, as ritualísticas, as indumentárias, as pinturas corporais e do ambiente, o comportamento diante das autoridades por eles constituídas e, ainda, as medicinas – como ayahuasca, pimenta, rapé, sananga, São Pedro –, considerando sua origem, sua composição e seu uso medicinal. Para tanto, então, pauta-se da perspectiva decolonial, com as características dos participantes indígenas Tukano ou de outras etnias e dos participantes não indígenas; a hierarquia definida para a condução da cerimônia, que, no caso em estudo, na maioria das vezes é liderada pelo guardião e pajé Álvaro Tukano, mas que pode também ser por outros pajés ou por seus aprendizes; a linguagem utilizada nessas cerimônias, tanto no que tange às línguas utilizadas, quanto aos sentidos dados às palavras nesse contexto específico (Couto, 2007); as sensações físicas ou extrafísicas – de caráter mental, emocional, espiritual – que o conjunto desses elementos ambientais provoca nos participantes, ao ressoar em seus corpos físicos e demais estruturas invisíveis que os compõem; as sensações físicas ou extrafísicas que podem ser atribuídas diretamente ao uso das medicinas indígenas, conforme relatos dos participantes. É de importância basilar o ambiente em que as medicinas são oferecidas, o que inclui a localização física do imóvel urbano ou rural e seu entorno, bem como a disposição do espaço das

cerimônias nesse local, que pode incluir a fogueira ao centro, as representações por símbolos em desenhos que compõem a decoração (Jung, 1969) e a organização das pessoas em seu derredor.

A par disso, verifica-se, concomitantemente, a contribuição dessas medicinas para a conformação, manutenção e continuidade da sociedade indígena Tukano e para a geração de benefícios da sociedade em torno desta (Labate, 2000), considerando-se a contínua interação entre todos esses núcleos culturais (Boff, 2006; Han, 2019), reafirmando que toda análise dos dados coletados durante tais experiências é efetuada por metodologia qualitativa e prioriza a descrição da natureza humana (Brandão, 2006).

Apesar de nossa linha de pesquisa, *História Pública e Narrativas Indígenas*, trazer catorze pesquisadores participantes e envolvidos com as ações empíricas, trouxemos, a seguir, somente quatro dos relatos de experiência. Importa assinalar que todos têm feito seus registros, pois entendemos a importância da publicação de tais sensações por parte daqueles que vivenciam seu objeto de investigação. Todavia, selecionamos alguns para este texto e momento e, em tempo e oportunidades próximos, desejamos que outros venham a público.

Relatos de Experiência

1 – Comungando São Pedro

Quero compartilhar com vocês um pouco da minha experiência com a medicina xamânica.

Foi uma experiência muito bonita, profundamente atravessada pelos cânticos, que sustentaram toda a noite de uma forma muito viva. Eu me percebi bastante atenta o tempo todo, especialmente sobre a relação entre a medicina e as pessoas presentes. Observei alguns em estado de êxtase, outros em transe, e isso foi algo que me mobilizou bastante enquanto observadora e enquanto participante.

Outro ponto que me chamou atenção foram as falas dos Tukanos, e as figuras de representação do povo presentes na cerimônia. Havia algo muito potente ali, tanto na dimensão simbólica quanto na maneira como tudo era conduzido.

Eu tomei a medicina em todas as etapas da cerimônia e, diferentemente do que costuma ser esperado, como ânsia de vômito ou algum tipo de mal-estar, eu não senti nada disso. Meu corpo respondeu de forma muito tranquila, e eu consegui atravessar toda a experiência me sentindo bem e presente.

A cerimônia começou às 22h e seguiu até por volta das 7h30 da manhã. Um dos momentos mais marcantes para mim aconteceu já perto das 5h. Eu ouvi um rapaz cantar... e era uma voz tão serena, num momento de tanta quietude, que aquilo me atravessou profundamente. Eu chorei bastante. A partir dali, tudo ficou muito mais emotivo dentro de mim.

Ver o sol nascer junto à imagem de Álvaro Tukano e de seu irmão com o cocar foi, sem dúvida, uma das cenas mais bonitas que eu vivi. Havia algo de muito sagrado naquela imagem, uma relação afetiva intensa entre o que eu via, o que estava sendo vivido e o que aquilo representava.

Sinto que houve uma mudança em mim, tanto no corpo quanto no psíquico, especialmente a partir daquele momento próximo ao amanhecer. Ainda estou elaborando tudo isso, mas foi uma experiência que me tocou profundamente.

2 – Comungando Ayahuasca

Este relato de experiência apresenta uma vivência com a medicina sagrada da ayahuasca.

A experiência ocorreu no ano de 2024, em Brasília, apesar de que eu já comungo a medicina desde 2019. Em outra ocasião, a própria medicina me levou ao entendimento de que a ayahuasca é uma medicina especial e, por isso, eu entendi que, em meio ao turismo espiritual difundido na sociedade, nem toda bebida é sagrada, por talvez banalizar o ritual de sua produção.

Por ocasião dessa cerimônia, pude refletir sobre a escrita de uma dissertação de mestrado, cuja temática foi o ecofeminismo. Eu houvera estagnado na escrita e

perdera completamente o propósito da minha pesquisa, porém, nessa imersão espiritual, fui convidada pela medicina a viver a minha dissertação. Assim, entrei em um portal em que, de repente, me tornei uma árvore e pude sentir a dor de ser cortada, uma dor dilacerante, uma dor que ecoava por todo o universo.

Em outro momento, eu fui amparada pelos braços por dois indígenas, sendo tomada por uma força inexplicável, e me vi como uma águia-cinzenta que gritava de forma tão potente, que seu eco atravessava a terra inteira; eu pude sentir toda a sua força.

Depois disso, ao meu lado estiveram duas mulheres orientais: uma idosa e outra bem jovem. Elas me pediram por liberdade para as mulheres, e pude entender que não somos verdadeiramente livres, ainda.

Já encaminhando para o fim da cerimônia, percebi-me em um corpo masculino: eu havia me tornado um indígena. Compreendi, por isso, como sendo aquela a minha ancestralidade latente. Por fim, fui levada para dentro do meu coração, em que pude observar meus próprios sentimentos e, enfim, compreendê-los. Até que a força foi diminuindo em mim com duas mensagens finais: Você é uma árvore. Você é uma mulher livre!

Continuei o meu caminhar pela vida com essa potência reverberando em mim.

3 – Observação de cerimônia

Em visita realizada à comunidade indígena Tukano, para uma cerimônia da ayahuasca, pude vivenciar um momento único. Fomos recebidas pela família de Álvaro Tukano, que nos ensinou muito sobre a cultura e sobre a medicina espiritual que busca curar as dores que cada pessoa carrega.

Na oportunidade, conhecemos uma pajé que estava passando por um momento de luto, pois havia perdido uma sobrinha. O luto é vivenciado de uma forma muito bonita e respeitosa pela comunidade. Os cânticos entoados durante a madrugada foram o ápice da cerimônia: todos em volta da fogueira ouviam atentamente os ensinamentos do mestre Tukano, dono de uma voz que transmite paz e serenidade, um verdadeiro professor da natureza.

Uma figura espiritual de grande sabedoria, o Sr. Álvaro nos explicou sobre os espíritos da floresta e os animais que compõem a cosmovisão do surgimento e da manutenção da criação divina.

Seu filho mais novo explicou sobre a preparação do corpo para o recebimento da medicina e os possíveis efeitos. A cerimônia transcorreu de forma tranquila, com uma energia indescritível. Em determinado momento, os participantes começaram a dançar em torno da fogueira. Foi um momento extremamente rico e emocionante: embalados pelo som dos instrumentos indígenas, dançavam com leveza e contentamento.

Tive também a nobre oportunidade de receber uma bênção do mestre espiritual, que me emocionou profundamente, levando-me às lágrimas e proporcionando uma sensação de limpeza interior diante do peso que eu carregava por questões pessoais. Meus sinceros agradecimentos.

O silêncio da reserva me fez sentir transportada para o universo mágico da criação. Os sons dos animais, o calor da fogueira e os cânticos me fizeram perceber o quanto somos privilegiados por ter a oportunidade de compartilhar momentos tão significativos com pessoas tão importantes para a cultura e a história do nosso país.

A visita ao templo indígena foi uma experiência única e enriquecedora. Aprendi sobre uma nova perspectiva da criação do universo, sobre a importância dos animais da floresta, o respeito à natureza e a preservação cultural.

Essa vivência é de fundamental importância para as futuras gerações. Gostaria muito que experiências e conhecimentos como esses estivessem registrados nos livros didáticos, para que a posteridade possa conhecer a riqueza dos povos originários, especialmente daqueles que respeitam e valorizam a natureza brasileira.

4 – Observação de cerimônia

Participar da cerimônia indígena foi, inicialmente, um ato de curiosidade e de busca por compreender como funciona a espiritualidade desses povos, algo que eles expressam com muita propriedade, serenidade e conexão com a natureza.

Desde o início da cerimônia, percebi um ambiente de tranquilidade e acolhimento. As pessoas foram chegando e se sentando em roda, e ali senti que muitos buscavam paz interior e reencontro consigo mesmos.

Álvaro Tukano e sua família conduziram a cerimônia por meio de cantos e músicas que me tocaram profundamente. Apesar de eu não compreender a língua, senti que aquelas canções despertavam sentimentos, pensamentos e lembranças da minha vida. Fui à cerimônia para observar e conhecer, e não para comungar das medicinas, pois compreendi que isso exige preparação do corpo, da mente e, principalmente, intenção verdadeira.

Observei também o respeito e o cuidado com o qual as medicinas eram oferecidas às pessoas. Aos poucos, os participantes dançavam e pareciam se sentir livres, sem preocupação com o julgamento do outro. Havia uma conexão intensa entre espiritualidade, corpo e natureza.

Em determinado momento, Álvaro Tukano passou a atender as pessoas individualmente, perguntando o que cada uma precisava e realizando rezas e cantos em sua língua, em conexão com o mundo espiritual. Quando chegou minha vez, ajoelhei-me diante dele e senti vontade de falar algo muito íntimo, o que para mim não é comum, pois sou uma pessoa bastante reservada. Naquele instante, ele colocou a mão sobre meu coração e perguntou do que eu precisava. Enquanto eu falava, senti sua mão muito quente, e ele começou a cantar em sua língua. Meu coração acelerou, fiquei emocionada e perdi a noção do tempo que permaneci ali. Ao sair daquele momento, senti-me mais leve, como se carregasse uma certeza interior de que meu pedido seria acolhido.

Após a cerimônia, passei a semana refletindo sobre tudo o que vivi e sobre a sensação de leveza que permaneceu em mim. Conhecer outra cultura de maneira tão próxima foi algo libertador e significativo, pois, de certa forma, senti que também me reconectei comigo mesma, com a espiritualidade e com a natureza.

5 – Observação de cerimônia

Em 6 de setembro de 2025, participei da cerimônia de Álvaro Tukano (Doéthiro), como espectadora. A reserva se encontra no Distrito Federal, área de preservação ambiental e cultural no Santuário dos Pajés, dentro da área de expansão do Noroeste, o que leva a constantes lutas judiciais, políticas, e de outros clãs indígenas, até mesmo enfrentamentos diretos para reconhecimento territorial.

Creio que seja difícil dizer-se apenas expectadora após sentir-se tão imersa em algo que poderia ser descrito por uma mulher negra, moradora da periferia no Distrito Federal, como minimamente deslumbrante, inquietante, transformador e, enquanto professora, uma aula repleta de aprendizados individuais e coletivos.

A cerimônia não foi comum, como me foi informado, pois era o aniversário de um dos filhos de Álvaro Tukano, sendo, então, conduzida pelo pai, mas, majoritariamente, pelo filho aniversariante. Com muitos convidados já conhecidos a frequentarem a reunião, e outros, como uma líder mulher idosa indígena Malupu, convidada de honra, que dirigiu algumas poucas palavras em sua língua, que não tive a honra de entender, no início da cerimônia.

Ainda hoje, oito meses após a relação empírica, lembro-me de muitas coisas e guio-me nestes escritos, também, pelas anotações que fiz na ocasião em caderno e caneta. Meu grupo de pesquisa teve a autorização da família Tukano para anotar sobre toda a experiência, tomando notas, gravações de som, mas foram proibidas as filmagens, em respeito a todos os cerimonialistas participantes e diante de seus direitos de imagem e de sua vulnerabilidade durante o uso das medicinas, na ocasião: rapé – produzido por eles próprios – e ayahuasca – ou, como é chamado pelo povo Tukano, carpí.

A cerimônia ocorreu em uma espécie de rotunda, em construção de concreto de colunas, chão e teto circulares, e sem paredes, que permitiram contato fácil com a grama ao redor, árvores e animais de criação dos Tukanos: galinhas, galos, cachorros e gatos. Com o cair da noite, o cenário, em meio à natureza, permite a visualização de um céu estrelado, com a iluminação da fogueira queimando alaranjada, tremeluzente sob o teto com pequena abertura oval, e que segura formas metalizadas, que ressoam no que eu declararia como “uma canção do vento” como nos sinos do vento que decoram muitas casas no Brasil, e nos deixam relaxar. Os desenhos que

participam da narrativa e contação da origem dos povos durante a cerimônia, que, a início, instigaram minha curiosidade, e mais tarde, meu estupor, são pinturas em tons de rosa, azul e branco, que delineiam peixes, cobras, águas e traçados zigue-zagueantes de retas em triângulos que dão forma a outras pinturas. Os animais citados são descritos no início da reunião enquanto curandeiros, assim, como mais tarde, chamam-se os espíritos da natureza para que curem ali as pessoas que, por vezes, chegam como descrito: “doente de espírito”, de solidão, e os variados problemas que as levam à situação em questão.

O ambiente espalha homens e mulheres em cada lado da retunda e, ao adentrar o local, as pessoas, de diversas profissões, e religiões, e línguas – inglês, espanhol, tukano e outros –, trazem consigo colchonetes, garrafas de água, alimentos. As pessoas visitantes são majoritariamente brancas, talvez pela proximidade com a região mais rica do Distrito Federal, mas apresentam uma simplicidade e humildade muito característica da admiração. Alguns, que ao fim da noite, em partilha do que os levaram ao local incitado pelo filho cerimonialista, indicam continuar acompanhando com frequência a “casa”, com elogios sempre presentes, e outros, que como eu, estiveram ali pela primeira vez, e, igualmente, devotaram agradecimentos e elogios.

As medicinas aplicadas são consideradas sagradas, como no caso do rapé, utilizado em muitas ocasiões desde o fim da tarde, com nossa chegada, até a noite, com início da cerimônia. Isto é, foram utilizadas na chegada para recepcionar, para “aquecer” antes de oficialmente dar início e, mais tarde, para fazer “limpeza”, como ferramenta de cura mental, física e espiritual. Inalada pelo nariz, formaram-se filas até o fim da cerimônia, pela madrugada, cada vez que eram convocados a aplicar. Sem uma obrigatoriedade, sempre ressaltam o consentimento, mas percebe-se que a não utilização por mim e outros amigos causou incômodo, com questionamentos que soavam tal como “como vão aprender sobre nós, sem participar, sem fazer parte?”.

Descrevendo o carpí como forma de “abrir a inteligência”, reconheceria e capturaria o que há de problema no corpo, sempre com apoio das rezas. O fogo da luz que centraliza a cerimônia é dito como instrumento que cega os espíritos ruins. Oferecer tantos conhecimentos, e não serem aceitos, poderiam ter incomodado qualquer um que abre suas portas, e é descreditado. Não tenho as transcrições exatas

de suas perguntas, mas o sentimento foi tal qual visitar minha avó e não aceitar nenhum prato de comida, e observar constrangida, seu rosto de reprimenda, ou ser convidado à casa de um goiano e não aceitar um “agradin”. Ambos nunca mais ousei fazer.

Talvez por esta percepção de constrangimento sincero no aniversário de alguém, ou por ter estado tão envolvida com a recepção, a narrativa e a beleza da situação, aceitei, ao fim da cerimônia, a aplicação de pimenta em gota no nariz: ação parabenizada pelo aniversariante. A pimenta foi descrita por sua ação antienvelhecimento e tratamento para rinite e alergias nasais. A sensação de ardor perdurou cerca de 2 minutos, ou menos. Esta perpassa do nariz à garganta e chega às orelhas. Descrevo como uma ardência que não consegui impedir, apenas esperar sua redução gradativamente, pois as sensações imediatas provocaram tosse e olhos lacrimejantes, causando um estranhamento do corpo, que suou e esquentou rapidamente na movimentação de respirar, sem conseguir reduzir a dor. O incômodo imediato diminuiu e permaneceu como uma sensação peculiar de sequeidão no aparelho respiratório, com uma coriza constante. Após, a respiração se manteve “limpa” e me mantive bem, respirando livremente até o fim do dia.

Ao anoitecer, o xamã Doéthiro recomenda permanecermos juntos e não muito distantes para que, assim, espíritos ruins não possam nos fazer mal. Há uma atmosfera de proteção que me acometeu com a contação de sua cosmovisão. O criador do universo é narrado com a fogueira já alta, e o xamã, com cocar e um “chocalho”, descreve e faz o som do instrumento, que acompanha a profundidade do conto. A luz da fogueira, o movimento dos metais brilhando no teto da maloca, o aroma da fumaça e o sentimento de acolhimento recobrem a noite e me levam a escrever a admiração dos meus amigos que lá estavam acompanhando a noite, e ouviam, com atenção. Senti-me como coloquei no papel: “no lugar certo e na hora certa”.

O filho do Xamã recebeu o bastão e abriu uma nova seção da noite, lembrando como os espíritos protegem, também, o meio-ambiente, e iniciando uma segunda de muitas rodadas de rapé e carpí. Os cânticos, tais quais as medicinas, têm função de limpar esses que estão cansados, doentes de espíritos, para que se envolvam com o som, a medicina e dancem como quiserem, mas participem. Chama-se a atenção para

que não durmam, o que me levou a perceber que existe sempre uma medida clara de fazer-se presente e ativo no ambiente, embora a cerimônia seja conduzida por uma pessoa em suas falas e reflexões, o ambiente e as palavras deixam claro que a noite é construída por todos no agora.

Em determinado momento, duas dentre as minhas amigas de pesquisa se levantaram para “pedir benção” a Álvaro Tukano e, diante da clara sensibilidade que lhes foi causada, eu e outras duas amigas seguimos o exemplo. Então, ajoelhei-me diante de Álvaro – este, sentado em uma cadeira – e pedi-lhe proteção a mim e minha família. Suas mãos seguraram as minhas e as posicionaram diante de seu peito. Ele disse palavras pouco verossímeis para mim, mas significativas no tempo, sem pressa. Deixou sopros sobre suas próprias mãos e meu rosto. Havia uma infinidade de pensamentos que me corriam, mas, por um instante, o som das pessoas cantando, o calor da fogueira, o cheiro da queima da lenha e da defumação espalhada pelo ambiente circundaram por mim, até que me silenciaram, calma e profundamente.

Os cânticos eram guiados – não pude deixar de notar como letróloga – com um alongamento de cada vogal em sílabas tônicas, como quem faz um chamado, numa transcrição que também não tenho da língua Tukano, mas igual a uma canção repetida na madrugada, que soaria foneticamente como u ʁe'ru jeme'ju. Durante a canção, seguida pela batida dos pés, pediu-se para que levantássemos para a circulação de energia, descrita como inerente ao universo, mas não sujeita a ser individual a cada um de nós, lembrando que a energia de nossos antepassados também circularia dentro de nós.

Obtive uma experiência da qual, por mais que descreva, sempre parece faltar-me algo a dizer. Não parecendo fidedigna o suficiente ou interconectada o bastante com a mesma guinada de iluminação e calor que me abraçaram. No entanto, lembro-me, hoje, como pouco conheço e como muito vivi em uma única madrugada e me despi de mim, para estar presente em um momento com pessoas desconhecidas e tão dispostas a estarem completamente entregues a todos, ao aprendizado, ao respeito. Añu⁸.

⁸ Saudação de agradecimento na língua Tukano.

Percepções Finais (todavia, em continuidade)

Após os relatos acima, feitos por alguns de nós, importa que apontemos a importância que os significantes considerados metafísicos produzem sobre a cognição humana, principalmente se demarcados por significados que induzem à espiritualidade (Lopes, 2020). Segundo apontam Pinheiro Neto e Lopes (2018), “os signos, a simbologia e o princípio dialógico como bases construtivas do conhecimento do homem dependem muito da forma de como ele se inter-relaciona”, tendo em vista que, para sustentar as interações sociais, faz-se necessário o uso ativo da linguagem, do modo a basilar as significações, as formações discursivas, as representações e, assim, explicitar que “a linguagem é condição essencial de constituição do sujeito. O sujeito se dá na e pela linguagem” (Rios, 2005, p. 203).

A base significativa que codifica as crenças dos seres traça um perfil que sustenta a criação do sentido que se moldará na mente dos sujeitos pensantes e, dessa forma, tornar-se-ão condutores das interpretações possíveis, em parte, por conta de sua própria atribuição característica (Marcuschi, 2007). Porém, importa constatar que, apesar de influenciada em algum nível, a versão construída pelo sujeito receptor estará pautada em suas próprias ideologias (Ziberman, 2009), pois o contato com a narrativa do outro “reflete a nossa experiência cotidiana de nos movermos no mundo e de vermos os movimentos de outros corpos. Nossa trajetória tem, tipicamente, um começo e um fim” (Cançado, 2008, p. 104).

Diante do exposto, validamos que as experiências vividas, empiricamente, conformam que o observar, o ouvir e/ou o experimentar estabeleceram, em nossa conformação acadêmica, as premissas básicas para a constituição da conversação entre ciência e prática humana da espiritualidade, levando-os ao início do entendimento da identificação dos saberes ancestrais, pois o “homem cria objetos não apenas para se servir utilitariamente deles, mas também para expressar seus sentimentos diante da vida e, mais ainda, para expressar sua visão do momento histórico em que vive. Essas criações constituem as obras de arte” (Proença, 2007, p. 7).

O saber sobre práticas denominadas sagradas constitui, assim, os princípios para a definição sócio-cultural, sendo o povo Tukano – que resiste há milhares de anos para manter sua cultura, num mundo onde a monocultura do pensamento, do saber e do fazer exterminaram milhares de povos nativos – a presença e a possibilidade de convivência com uma cultura ancestral, no meio da capital do Brasil, e, por isso, a afirmação da oportunidade inigualável para a prática do respeito à alteridade, da inclusão social e da valorização das culturas indígenas. Afinal, importa que nos lembremos, continuamente, que o passado ainda é presente, que o presente confecciona o futuro e que o futuro se cria do ontem, porque o futuro, esse, é ancestral (Krenak, 2022).

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Espiritualidade e Cultura: Caminhos da Ecologia Interior**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Sociedade e Cultura, v. 10, n. 1. Goiânia: UFG, 2007.

CANÇADO, Marcia. **Manual da Semântica: noções básicas e exercício**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 104.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade: cultura e globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HISSA, Cássio E. Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

LOPES, Viviane Faria. **O poder da renúncia sublimado no discurso: análise crítica de correspondências históricas**. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2020.



MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fenômenos da linguagem**: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PINHEIRO NETO, J. E.; LOPES, V. F. A linguagem verossímil de ressignificação em sujeitos ficcionais no “Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago. *In.*: **Revista científico-educacional de la província Granma (Universidad de Granma)**, n. 2, vol. 14, p. 24-40, 2018.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2007, p. 7.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. A constituição do sujeito de linguagem: entre o “eu” e o “outro”. *In.*: **Revista da Faced** (Universidade Federal da Bahia), n. 09, 2005.

SARAIVA, Paulo Espírito Santo. **Cérebro, evolução e linguagem**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida**: como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo, 2021a.

SHELDRAKE, Rupert. **A ciência da prática espiritual**: experiências transformadoras, seus efeitos e eficácia em nosso corpo, no cérebro e na saúde. São Paulo: Cultrix, 2021b.

SHELDRAKE, Rupert. **A Ilusão Científica**: Os 10 Dogmas da Ciência Moderna. [kindle]. 2024.

ZIBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2009.